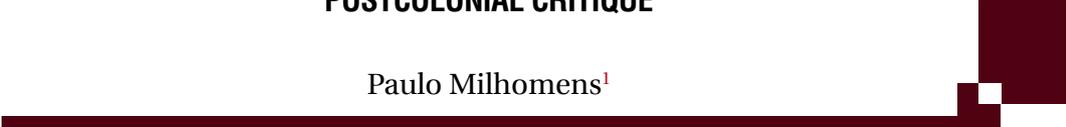


# A AMÉRICA LATINA, MALES DE ORIGEM: A ATUALIDADE DE MANOEL BOMFIM PARA A CRÍTICA PÓS-COLONIAL

LATIN AMERICA, EVIL ORIGIN: THE RELEVANCE OF MANOEL BONFIM FOR  
POSTCOLONIAL CRITIQUE

Paulo Milhomens<sup>1</sup>



## RESUMO

Discute-se a importância teórica do livro “A América Latina, Males de Origem”, do historiador e sociólogo Manoel Bomfim, e sua atualidade sobre os temas que tratam do mundo colonial a partir de seus contextos de emancipação política. Tendo sido lançada no início do século XX, a obra só ganhou notoriedade a partir da década de 1980, quando houve uma redescoberta do pensamento *bomfiniano* pelas ciências sociais. Destaca-se a importância de Bomfim como pensador vanguardista e, de certa forma, precursor militante no debate latino-americano pós-colonial, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial.

**Palavras-chave:** Manoel Bomfim. América Latina. História. Pensamento social.

## ABSTRACT

The article aims to discuss the theoretical importance of the book “Latin America, Males de Origem”, historian and sociologist Manoel Bomfim and its relevance on the issues dealing with the colonial world from their contexts of political emancipation. Having been launched in the early twentieth century, the work only gained notoriety from the 1980s, when there was a rediscovery of *bomfiniano* thought by the Social Sciences. Here, we highlight the importance of Bomfim as avant-garde thinker and, in a way, militant precursor in the Latin American debate and post-colonial Africa, especially after the 2<sup>o</sup> World War.

**Keywords:** Manoel Bomfim. Latin America. History. Social thought.

---

<sup>1</sup> Professor de História Contemporânea da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP. CV: <http://lattes.cnpq.br/5145439908906249>

[...] *A soberania de um povo está anulada do momento em que ele se tem de acolher à proteção do outro. Defendendo-nos, a América do Norte irá, fatalmente, absorvendo-nos. Acredito que essa absorção não esteja nos planos dos estadistas americanos; mas ela é uma consequência natural da situação de protegido e protetor [...]*  
Manoel Bomfim

Em seu livro de História e Sociologia *A América Latina, Males de Origem* (1905), o pedagogo, historiador, sociólogo e, sobretudo, provocador Manoel Bomfim (1868-1932), nascido em Aracaju/Sergipe, lança as bases daquilo que a historiografia brasileira só reconheceria tardiamente como pesquisa pioneira. Atualmente, sua vasta obra, que inclui ensaios de Psicologia, Educação e livros de História – além de textos de Sociologia –, apresenta, no início do século XX, um trabalho com diferencial analítico notável. *América Latina*, como descreve o autor, é uma denúncia social e política à luz de seu tempo.

A partir de Bomfim, podemos compreender que a América Latina é resultado de um longo processo de lutas regionais influenciadas pelo Iluminismo, particularmente na parte que concerne sua porção espanhola. Historicamente, difere-se do projeto republicano das 13 colônias do Norte e a Carta de Independência dos EUA (1776), pois a expansão dos ideais republicanos entre latino-americanos pode ser compreendida a partir da emancipação do Haiti, no Caribe, entre 1805 e 1807, seguindo, ao longo do século XIX, para outras regiões do Cone-Sul, como Chile, Argentina, Bolívia e Peru.

Nesse caminho, o que o historiador Eric Hobsbawm chama de *Era dos Impérios* (1875-1914) é um período correspondente à transição europeia antecedida pela chamada *Era das Revoluções* (HOBSBAWM, 1997). Esse período concentra os fatores históricos que assinalam o fim da modernidade com a ascensão da burguesia industrial e o liberalismo, culminando na primeira fase do modo de produção capitalista ocidental. A guerra de independência dos norte-americanos (1776-1782), não reconhecida inicialmente pelos ingleses, provoca entre os republicanos liberais do Norte a constituição de uma doutrina econômica inspirada no modelo iluminista de Alexis de Tocqueville – que se difere grandemente do ideário republicano adotado na América Espanhola por nomes até hoje mencionados na cena pública, como Simón Bolívar.<sup>2</sup>

Em seu trabalho, Bomfim reforça a tese de uma falsa ideologia de emancipação política advinda com o liberalismo da Europa Ocidental. Ou seja, a libertação política e econômica nas regiões ocupadas por Espanha e Portugal não garantiu um processo de descolonização seguido de um desenvolvimento socioeconômico igualitário. O que houve foi uma ruptura assimétrica nos eventos que seguem a autonomização das colônias.

À luz de seu tempo, Bomfim destaca as “consequências da malevolência europeia”, quando critica a intervenção da “república do Norte” em substituição ao modelo europeu. Uma preocupação ideológica está em curso:

<sup>2</sup> O ex-presidente da Venezuela, Hugo Chávez Frías, chegou a reinterpretar, a partir de sua política de governo, a imagem representativa de Bolívar como “o grande libertador das Américas”, mudando a Constituição de seu país para “República Bolivariana da Venezuela”, em sua história recente.

[...] haveria verdadeira vantagem para a Europa em conhecer bem, a fim de julgar com segurança e justiça, a situação e as condições políticas e sociais dos países sul-americanos. Haveria grande vantagem para ela, e por conseguinte para a humanidade e a civilização em geral e, vantagem para nós em particular. Para os países da América do Sul, isto representa, quase, uma questão de vida ou de morte [...]. Por ora, preserva-nos a teoria de Monroe por detrás do poder e da riqueza dos Estados Unidos; e é este um dos graves inconvenientes da atitude malévola e agressiva da Europa. A perspectiva de um ataque nem por isto desaparece; nada nos garante que a grande República queira manter, para sempre, esse papel de salvaguarda e defesa das nações sul-americanas [...] (BOMFIM, 2008, p. 10-11).

Imperialismo e liberalismo não *coexistem* na estrutura expansionista do capital. Historicamente, figuram como congêneres, mas há distinções fundamentais entre ambos. Basta exercitar a imaginação sociológica e histórica para compreender a crise do sistema produtivo europeu a partir da década de 1870. Ao referir-se à “Teoria de Monroe”, embora Bomfim não utilize o conceito de *doutrina*, já havia constatado que essa mesma crise do capital fabril do século XIX levaria os impérios *neocoloniais* vigentes a perder espaço para o avanço econômico do Hemisfério Norte sobre a América Latina.

Bomfim é enfático: o controle político dos E.U.A. em relação ao nosso continente passa a existir quando a Europa percebe a saturação de seu sistema colonial inaugurado no século XVI e a incapacidade das monarquias ibéricas em conter o avanço liberal que acarretaria na

substituição do modelo metrópole/colônia no século XIX para a ideologia Monroe (*América para os americanos*) ao longo do século XX.<sup>3</sup>

Não seria um erro inferir que essa foi a grande diferença existente entre o liberalismo inglês do século XIX e a institucionalização de um mercado primário latino-americano, voltado para os EUA. As guerras anticoloniais, de 1805 até meados de 1970 (finalizando com a queda do salazarismo em Portugal), reforçam a tese de que os europeus (em particular franceses e ingleses) viam com ceticismo os povos latino-americanos e a perda do monopólio colonial para os insurgentes capitalistas do Norte. Bomfim explora opinião de intelectuais estrangeiros quanto o fato:

Em 1887, já o conhecido escritor sr. Quezada dizia, em protestos explícitos, as suas apreensões quanto a esta subalternidade a que a Doutrina de Monroe reduz a América Latina: “...Es una invención norte-americana que, em 72 años, no há tenido aplicación práctica. *La América para los americanos se dice*, pero se agrega fleugmáticamente del Norte... Esta es la genuína interpretación” [...] (QUEZADA apud BOMFIM, 2008, p. 12).

E ainda menos otimista:

[...] Quando os publicistas europeus nos consideram como países atrasadíssimos, têm certamente razão; não é tal juízo que nos deve doer, e sim a interpretação que dão a esse atraso, e principalmente as conclusões que daí tiram, e com que nos ferem (BOMFIM, 2008, p. 15).

<sup>3</sup> Foi anunciada oficialmente pelo presidente James Monroe (mandato entre 1817 a 1825) com mensagem ao Congresso em 2 de dezembro de 1823. A doutrina reafirmava a posição norte-americana contra o colonialismo europeu, embora à época não tivesse poder militar contra a Grã-Bretanha e a Santa Aliança. Dessa forma, os E.U.A impediram os planos de recolonização europeia na América do Norte permitindo a marcha para o Oeste, dizimando milhares de indígenas que habitavam a região. Com isso, inicia-se a política de expansão estadunidense por todo o continente.

O escritor fez uma longa permanência de estudos na França (Sorbonne, Paris) e estava conectado a autores anti-coloniais da época. Na segunda parte do livro, se concentra na crítica aos positivistas, discorrendo sobre o conceito de *parasitismo e degeneração*.<sup>4</sup> No Brasil, por exemplo, durante a República Velha (1889-1930), com o Clube Militar do Rio de Janeiro – núcleo de oficiais e ideólogos positivistas, como Benjamin Constant e Deodoro da Fonseca –, já vinculado à Filosofia de Comte, a Sociologia encontra sua versão mais conservadora da chamada Revolução Francesa.

A *sociobiologia* ou *biologismo social* – caso nos reportemos a Merton e Spencer – estava em voga no continente europeu com ênfase nos círculos médicos. Tais correntes possuíam seus seguidores no Brasil – como Nina Rodrigues e Oliveira Vianna – reforçando a tese da supremacia racial (base teórica da *eugenia*), mas, sobretudo, calcada pelas influências do Imperialismo sobre a Antropologia no início do século XX. Essa questão política já incomodava Bomfim ao falar do *atraso* das nacionalidades latino-americanas:

[...] o sociólogo não pode deixar de voltar-se para o passado a fim de buscar as causas dos males presentes. Há um outro fato a indicar bem expressamente que é nesse passado, nas condições de formação das nacionalidades sul-americanas, que reside a verdadeira causa de suas perturbações atuais: é que por um lado, estas perturbações, estes males são absolutamente os mesmos – mais ou menos atenuados – em todas elas; e, por outro lado, estes povos tiveram a mesma origem, formaram-se nas

mesmas condições, foram educados pelos mesmos processos, e esses males eles os vêm sofrendo desde o primeiro momento. Pois, se os antecedentes são comuns, se os sintomas são os mesmos, se estes se continuam com aqueles – é bem natural que nestes antecedentes esteja a verdadeira causa [...]. Ao fazer este exame necessário da vida e do caráter das nações colonizadoras da América do Sul, um fato impõe-se logo à nossa atenção: é que elas padecem, com as naturais modificações de meio – os mesmos males que as nações da América Latina [...] (BOMFIM, 2008, p. 18-19).

E ainda, sob o prisma dessa coesão *parasitária*:

[...] Vivendo parasitariamente, uma sociedade passa a viver às custas de iniquidades e extorsões; em vez de apurar os sentimentos de moralidade, que apertam os laços de sociabilidade, ela passa a praticar uma cultura intensiva dos sentimentos egoísticos e perversos. Os interesses coletivos, o perigo ou receio de ver escapar-se a presa podem levar os membros desses grupos parasitas a defender-se em comum, a proceder de forma a aparentar uma socialização adiantada; mas não há nisto verdadeiro progresso moral – qual consiste no horror da injustiça, independente de qualquer vantagem pessoal. Que juízo se pode fazer da beleza moral dessas almas, que passavam a existência a cortar de açoitadas as carnes de miseráveis escravos e que aceitavam como legítimo o viver do trabalho destes desgraçados, cuja vida será um martírio contínuo?! [...] De que forma esse passado vem influir sobre o futuro? (BOMFIM, 2008, p. 26-38).

Notadamente, uma análise do capitalismo industrial ou a expansão das

<sup>4</sup> Causa de degeneração e involução, segundo a comparação criativa estabelecida por Bomfim no livro. O exemplo do *Chondracanthus* (crustáceo) é o mais notável: parasitismo e biologia como metáfora para identificar o conceito de dependência econômica e social por parte das elites latino-americanas. [...] Por que razão degenerou ele? Por que se atrofiaram e desapareceram todos esses órgãos, em cuja síntese e harmonia se acusava uma organização superior? Simplesmente porque o *Chondracanthus* se fez parasita [...] (BOMFIM, 2008, p. 22).

nações imperialistas nos faria constatar que os problemas sociais do continente latino-americano foram apenas transladados pelo Atlântico: Portugal e Espanha, por exemplo, emergiram como parte de uma cultura colonial periférica. Basta imaginar que a divisão do trabalho imposta pelos colonizadores ibéricos está baseada num modo de produção que não conheceu a tradição feudal do centro-norte da Europa.

Em sua teoria do parasitismo das elites regionais, denuncia um longo período de estagnação cultural ante o Iluminismo. Não estamos aqui contrapondo Bomfim e sugerindo que o autor defendia uma suposta alusão ao “péssimo” e o “bom” colonizador, o que seria apenas fruto de uma exteriorização de uma cultura de soberania ante o gentílico. Seus antecedentes, seguindo esse raciocínio, dizem respeito ao malefício da própria elite regional que não se reconhece na *ex-metrópole*. Trata-se de um forte complexo de alteridade e suas raízes encontram-se na negação de culturas exógenas:

Em 2 de Janeiro de 1492, poucos meses antes de Colombo iniciar a sua viagem, cai Granada e com ela terminam oito séculos de domínio mouro na península. Logo depois, milhares e milhares de livros escritos e preservados ao longo de séculos por insignes geógrafos, matemáticos, astrônomos, cientistas, poetas, historiadores e filósofos mouros são queimados no fogo da Santa Inquisição, a mesma que a partir de 31 de Março de 1492 cumpre o edito de Isabel de Castela, expulsando os judeus e confiscando-lhes os bens com que vão ser financiados logo a seguir as viagens de Colombo [...] É o fim do Iluminismo mouro e judaico sem o qual, ironicamente, a Renascença não seria possível [...] (SANTOS, 2010a, p. 138).

O sociólogo Boaventura Santos chama a atenção para a cruzada final empreendida pelo Ocidente contra seus colonizadores da Idade Média, sobretudo islâmicos. De onde vem a percepção de uma elite parasitária? Aquela capaz de pilhar, extrair e desvincular-se de um projeto nacional de desenvolvimento? Não é esse o martírio que subsiste na América Ibérica? Ora, a chamada “descoberta” do “Novo Mundo” teve o peso ideológico da Igreja Católica Romana e o econômico do mercantilismo, mas constituiu-se como um processo histórico de negação cultural. Da mesma forma, as elites regionais/coloniais que emergiram às custas do trabalho escravo nas Américas (seja africano ou ameríndio), quase três séculos depois, optam pela negação política de suas origens, tal qual portugueses e castelhanos ao promover a expulsão de povos do Oriente na Península do século XV. Os *neoparasitas* (elites), no caso brasileiro, escolheram o modelo *monroeniano* ao longo do século XX, num processo similar.

## TEORIA PÓS-COLONIAL

Seguindo a lógica Monroe, os EUA dominam Cuba, Porto Rico e Filipinas em 1898. Estamos agora em um contexto mais amplo. Outras áreas da Ásia também foram divididas, sendo que outras continuaram independentes como, por exemplo, o Afeganistão que dividia os domínios britânicos da Rússia, como também do Sião que se alternava nas divisas de britânicos e franceses.

Duas regiões foram inteiramente repartidas quando esses colonizadores se voltaram para outras partes do mundo: África e Pacífico. No caso do Pacífico, não restou nenhum estado independente, distribuído entre holandeses, franceses, norte-americanos, ingleses e japoneses. Quanto a África, foi distribuída entre britânicos, alemães, belgas, portugueses, espanhóis, tendo ainda como independentes a Etiópia, Libéria e uma parte do Marrocos que resistia a ocupação total (HOBSBAWM, 1998b, p. 34).

Após a Segunda Guerra (1939-1945), seguida a etapa de descolonização em Ásia e África, configura-se uma reorganização de novos estados e nacionalidades, economicamente vinculadas ao Imperialismo clássico. Qual o papel das ex-colônias durante a organização do capitalismo no pós-Guerra? E como a América Latina de Bomfim está inserida nesse mapa geopolítico? Esse apenas antecipa quase 45 anos antes, na esfera global, o que já ocorria na América Latina: a negação cultural de elites regionais que se dispunham a adotar outro modelo de anexação econômica, somada aos interesses de manutenção de uma cultura monopolista sobre os povos gentílicos, mestiços e ex-escravos. O Brasil, enquanto país republicano, só participaria deste processo décadas após a emancipação das colônias hispano-americanas. Fomos, inclusive, o último país do Ocidente moderno a abolir o regime escravista (1888). Não precisamos entrar no mérito da questão para tratar das consequências históricas desse fato.

Posteriormente, o mundo pós-colonial, surgido com o fim da Segunda Guerra (1945), colocará em debate as novas identidades étnicas e a reconfiguração do

mapa político da Europa, Ásia, África, Oceania e Américas. Durante a Primeira Guerra (1914-1918), uma parte das potências ocidentais uniu-se para derrubar o Império Austro-Húngaro, o que, posteriormente, fará do Leste Europeu uma porta de saída e entrada para a Rússia e seus estados fronteiriços – futuramente utilizados por Hitler para atacar a já então União Soviética – ainda que isso representasse séria ameaça à integridade geopolítica do continente.

As Ciências, Artes e Literatura passam a tratar de novas demandas e angústias nos contextos pós-colonizados. Sob diferentes ângulos, trabalhos como *Pele negra, máscaras brancas* (1952), de Frantz Fanon; *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador* (1967), de Albert Memmi; *Discurso sobre o colonialismo* (1978), de Aimé Césaire; e *Orientalismo* (1978), de Edward Said, compõem uma epistemologia pós-colonial, assim como o imaginário literário de Mia Couto nos ajuda a ver uma África dotada de poesia e força. Essa produção intelectual assinala o início de um movimento em direção às origens negadas, o papel das novas identidades frente ao capitalismo e às renovações da cultura em oposição à saturação ocidental:

Este novo-velho localismo, até há pouco tempo considerado como resíduo da pré-modernidade, é agora recodificado como pós-moderno e assume mesmo uma dimensão epistemológica, com a reivindicação de um conhecimento local, desde a crítica dos cânones literários e artísticos hegemônicos até a revitalização de novos velhos fundamentalismos (islâmico, judaico, neoliberal) [...] (SANTOS, 2010b, p. 59).

Ou seja, pensar e atuar sobre o(a) nova(o) sujeito(a), agente, ator social na perspectiva colonial/anticolonial significa aglutinar a experiência do exclusivismo europeu e produzir uma cultura libertária. É tomar partido do(a) outro(a). É uma experiência – como mostra Boaventura Santos – de regressar às “metrópoles”, e conclamar o espaço lhe cabe ante as identidades emergentes, que, ligadas socialmente às “periferias”, lutam por uma autonomia identitária. Basta lembrar que o existencialismo de Sartre é, ao mesmo tempo, uma linha pós-marxista da Filosofia e um projeto de militância contra a ocupação da França sobre a Argélia na década de 1960.

À época da publicação do livro de Bomfim, o neocolonialismo já marchava pelos continentes asiático e africano. Curiosamente não obteve notoriedade entre os cientistas sociais brasileiros. Outros, como o anteriormente citado Sílvio Romero, o atacaram por sua análise *contra hegemônica* de vanguarda. Só na década de 1980 será redescoberto pelo antropólogo Darcy Ribeiro e, a partir daí, seus outros livros passarão a ser estudados por cientistas sociais ao longo das últimas duas décadas (AGUIAR, 1999).

Essa ausência de Bomfim pode ser relacionada ao contexto político da época, quando as mesmas *élites parasitárias* criticadas por ele eram representadas por defensores saudosos de ideias conservadoras e o menosprezo pela maioria pobre e excluída de direitos mínimos. Ainda hoje, suas obras são pouco estudadas em cursos de graduação e pós-graduação, cabendo-lhe poucas páginas em

anais e publicações acadêmicas nas áreas Sociologia e História do Brasil.

O que tentamos mostrar neste texto é a originalidade do livro de Bomfim como base teórica para interpretar o mundo pós-colonial e as especificidades do contexto latino americano, que não se apresenta de forma completamente distinta da História asiática e africana. A atualidade de *A América Latina, Males de Origem* abre-nos um outro leque da História que deve ser exposto pelas Ciências Sociais no Brasil e, seguramente, expandir-se para o restante do mundo.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. **O rebelde esquecido**: tempo, vida & obra de Manoel Bomfim. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

BOMFIM, Manoel. **A América Latina, Males de Origem (1905)**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOODY, Jack. **O roubo da história**. São Paulo: Objetiva, 2008.

HOBSBAWM, E. J. **Era do capital**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1997.

HOBSBAWM, E. J. **Era das Revoluções**. São Paulo: Paz e Terra, 1998a.

HOBSBAWM, E. J. **Era dos Impérios**. São Paulo: Paz e Terra, 1998b.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1967.

PRIORI, Ângelo; CANDELORO, Vanessa. A utopia de Manoel Bomfim. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 96, 2009. Disponível em: <[http://www.espacoacademico.com.br/096/96esp\\_priori.htm](http://www.espacoacademico.com.br/096/96esp_priori.htm)>. Acesso em: 23 set. 2014.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente (1978). São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e cultura de fronteira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2010a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Onze teses por ocasião de mais uma descoberta de Portugal. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2010b.